

EXÍLIOS COTIDIANOS

Maria do Rosário Toschi*

Resumo: O texto procura demonstrar como, através da autobiografia do exílio, Natalia Ginzburg lida com extrema sensibilidade tanto com fatos da vida cotidiana, como com a dramaticidade do período da Segunda Guerra. Ao eleger temas como a solidão, a morte, o amor, Natalia desperta em nós as vicissitudes às quais todos estamos submetidos.

Palavras-chave: Natalia Ginzburg, literatura italiana do pós-guerra; antifascismo, relações familiares, exílio.

Natalia Ginzburg nasceu em 1916, durante a Primeira Guerra Mundial. Quando Natalia tinha três anos, a família transferiu-se para o Piemonte e é ali, mais exatamente em Turim, que, sob a aparente vitória do fascismo, os conspiradores contrários ao regime de Mussolini começam a se manifestar. É dali que saem os nomes mais importantes da Resistência. É no Piemonte, onde Natalia vive a sua infância e adolescência, que se dão as prisões, os exílios e as mortes dos que lutam pela reconquista da liberdade.

Todos estes acontecimentos que permeiam a sua vida passam a fazer parte da matéria que mais tarde irá se transformar nas suas páginas literárias. Filha de antifascistas, amiga de antifascistas e, finalmente, esposa de antifascista, cedo a sombra premonitória do exílio começa a rondar sua vida. O exílio em Abruzzo, que viria a ser um marco divisório em sua vida, se faz sentir desde a infância no convívio familiar. O sentir-se exilada é já um exílio.

Filha de pai hebreu e mãe católica não praticantes – ela sentia-se “diferente” das companheiras de escola que iam ou à igreja ou à sinagoga – ser meio hebréia e meio católica é não ser nada. Um outro fato que a tornava diferente das companheiras de escola era não poder freqüentar as aulas de ginástica, porque não usava o uniforme de “*piccola italiana*”, obrigatório na Itália fascista.

* Mestranda em Língua e Literatura Italiana e tradutora formada pelo Curso de Especialização em Tradução da FFLCH-USP.

Em sua própria casa o exílio estava presente: sendo a última filha do casal (tinha três irmãos e uma irmã), encontra uma família já constituída, o que lhe provoca uma sensação de solidão: freqüentemente não é interada dos acontecimentos, porque ainda é “muito criança”. Sentia-se preterida pela mãe que encontrava na irmã mais velha sua verdadeira companheira:

“I primi tempi che la Paola era sposata, mia madre spesso piangeva, perché non l’aveva piú in casa. Erano, mia madre e la Paola, molto unite, e si raccontavano sempre una quantità di cose. A me, mia madre, non raccontava niente, perché le sembravo piccola; e poi perché diceva che io ‘le davvo poco spago’.

Io andavo ora al ginnasio, e non m’insegnava piú l’aritmetica; continuavo a non capire l’aritmetica, ma lei non mi poteva aiutare, perché l’aritmetica del ginnasio non se la ricordava.

– Non dà spago! non parla! – diceva mia madre di me. L’unica cosa che poteva fare con me, era portarmi al cinematografo: io però non accettavo sempre le sue esortazioni ad andarci.” (Lessico Familiare, p. 81).

Só mais tarde vem a compreender que a mãe não a punha a par de todos os acontecimentos para protegê-la. O pai era um homem autoritário e preocupado com seus filhos, por serem hebreus numa Itália fascista. Interferia na escolha das leituras, das amizades e da carreira dos filhos.

Por ser solitária, Natalia desenvolve um agudo senso de observação. Recorda, em *Lessico Familiare*, como seus irmãos reagiam a estas pressões:

“Mostravano, la Paola e Mario, perduti nella loro malinconia, una profonda insofferenza per il dispotismo di mio padre, e per i costumi di casa nostra, quanto mai semplici ed austeri: avevano l’aria di sentirsi, nella nostra casa, in esilio, sognando tutta un’altra casa, e tutt’altre abitudini. La loro insofferenza si traduceva in grandi musi e lune, sguardi spenti e facce impenetrabili, risposte monosillabiche, rabbiosi sbatter di porte che facevano tremare la casa, e recisi rifiuti ad andare, il sabato e la domenica, in montagna. Non appena mio padre usciva dalla stanza, loro si rasserenavano, perché la loro insofferenza non includeva mia madre, ma era votata a mio padre soltanto; ascoltavano le storie di mia madre, e declamavano a gran voce con lei la poesia dell’inondazione:

'Eran parecchi giorni che si tremava tutti!'

Mario avrebbe voluto studiare legge, e mio padre invece l'aveva obbligato a iscriversi in economia e commercio: sembrandogli, non so perché, la facoltà di legge, una facoltà poco seria, e senza un sicuro avvenire. Mario gliene portò, per anni, un muto rancore. Quanto alla Paola, era in genere malcontenta della vita che faceva, e avrebbe voluto avere piú vestiti; e i vestiti che aveva non le piacevano, sembrandole fossero mascholini e di taglio pesante: perché mio padre voleva che ci vestissimo tutti dal sarto Maccheroni, sarto da uomo, il quale faceva spendere poco: o almeno, lui s'era messo in testa che facesse spendere poco." (Lessico Familiare, p. 58)

A mãe tinha um temperamento muito diferente do pai e, embora não fosse declaradamente rebelde ao autoritarismo do marido, não lhe era submissa. Era alegre, afetiva com os filhos e netos, irônica até consigo mesma. Não gostava das tarefas domésticas e no seu otimismo não se entregava aos temores de seu tempo. Quando nas férias o marido obrigava a família a fazer longos passeios nas montanhas ela reagia:

"Mia madre, il far gite in montagna lo chiama 'il divertimento che dà il diavolo ai suoi figli' e lei tentava sempre di restare a casa, soprattutto quando si trattava di mangiar fuori: perché amava, dopo mangiato, leggere il giornale e dormire al chiuso sul divano." (Lessico Familiare, p. 5)

Algumas vezes até mesmo a irmã mais velha sentia-se insegura em relação a essa mãe tão juvenil:

"– La nostra mamma è troppo giovane! –, si lamentava a volte la Paola con me. – Io invece avrei voglia di avere una mamma vecchia, grassa, con tutti i capelli bianchi! una che stesse sempre a casa, che ricamasse delle tovaglie. Come è la mamma di Adriano. Mi darebbe un tale senso di sicurezza, avere una mamma molto vecchia, tranquilla. Una che non fosse così gelosa delle mie amiche. Io la verrei a trovare, e sarebbe lí, sempre serena, col ricamo, tutta vestita di nero, e mi darebbe dei buoni consigli!" (Lessico Familiare, p. 119)

Os amigos que freqüentavam sua casa, tiveram grande influência na formação de Natalia. Foi Adriano Olivetti quem ajudou os Levi a darem cobertura

ao antifascista Filippo Turati em sua fuga para a França. Nessa ocasião Turati ficou escondido na casa dos Levi durante uns dez dias. A mãe de Natalia disse a ela que se tratava de um certo Paolo Ferrari, mas Natalia lembrava-se de já ter visto aquele homem e de seu verdadeiro nome. Cedo ela começa a conviver com as incertezas do que assistia. Em outra ocasião tem que ser hospitalizada e a mãe lhe diz que aquela é a casa do médico e que as outras crianças, que estão nos outros leitos são todos seus filhos. Ela acredita por obediência, mas sabe que está no hospital. Essas incertezas fazem com que ela se sinta sempre alheia ao que realmente está acontecendo.

Adriano Olivetti, filho do “*ingegnere*”, era socialista. Mais tarde casa-se com sua irmã Paola e é sempre um grande amigo, socorrendo Natalia e a família nos momentos mais difíceis.

Seus dois irmãos, Gino e Mario trabalhavam na Olivetti. Gino, por suas afinidades, era o filho favorito do Prof. Levi. Mario, embora tenha merecido o orgulho do pai quando este constatou que ele conspirava contra o regime, deixou-o preocupado quando o encontrou na praça em companhia de um novo amigo: um hebreu de origem russa. “*Nuovo astro che sorge*”... “*Cos’avrà da fare con quel Ginzburg? Cosa diavolo si diranno?*”

Leone Ginzburg começou a trabalhar com um amigo em uma pequena editora. Eram apenas Leone, o editor, um estoquista e uma datilógrafa. Isso foi em 1933. Estava fundada a Einaudi, que viria a ter grande importância na vida da Resistência italiana.

“Un avvenimento molto importante e decisivo di quegli anni, il cui peso era destinato ad accrescersi via via nella storia dell’antifascismo piemontese, fu la fondazione a Torino della casa editrice Einaudi nel 1933. Fu un centro di lavoro e di cospirazione, fra letteratura e politica, che chiamò a sé, raccogliendoli in un gruppo forte e compatto, tutti quei giovani che, sin dagli anni del liceo – il celebre Liceo D’Azeglio – si erano trovati vicini per comunanza di idee. La casa prese il nome del suo organizzatore e fondatore, Giulio Einaudi, figlio del grande economista e futuro presidente della Repubblica, Luigi Einaudi. Con Giulio Einaudi presero subito a collaborare i vecchi compagni di liceo, primi fra tutti Leone Ginzburg e Cesare Pavese, presentati da Massimo Mila. Ma ben presto, soprattutto per opera dello stesso Ginzburg, il gruppo si allargò, fino a comprendere i nomi di Felice Balbo, Carlo Levi, Franco Antonicelli, Augusto Monti (professore al liceo in cui avevano studiato e che aveva alimentato in loro l’ideale della lotta antifascista), Arrigo Cajumi, Ludovico Geymonat, mentre, contemporaneamente, cresceva e si

sviluppara l'attività editoriale, dal campo umanistico a quello economico e politico-economico.

L'importanza della casa editrice Einaudi, centro culturale e politico insieme, emerge costantemente nella storia della Resistenza, mentre Torino diventa il punto di partenza delle nuove idee, il focolaio della rivolta intellettuale. 'E da Torino, la Giulio Einaudi Editore varcava i confini interdetti o proibiti dal fascismo. Ai primi libri di economia di origine americana seguirono testi russi, inglesi, fino ad offrire, qualche anno più tardi, veri e propri trattati di rivoluzionarismo e di socialismo. Contemporaneamente, spinto dai collaborati, Giulio Einaudi accoglieva ad altri campi la sua attività editoriale' "
(Clementelli, Elena, Invito alla lettura di Natalia Ginzburg, p. 17 –18)

Leone era muito amigo de Pavese e foi ele quem o convidou para trabalhar com eles na editora. O papel da editora na Resistência foi muito importante, mas foi um tempo muito duro e Leone vai para a prisão, assim como todos os da editora que representavam uma ameaça ao fascismo. Até mesmo Giulio Einaudi foi preso.

A prisão de Ginzburg teve como causa imediata a sua relação com Mario, irmão de Natalia, que trabalhava na Olivetti e tinha sido pego com panfletos no caminho para Turim. Mario fugiu para a Suíça e seu irmão Gino e seu pai foram presos, assim como alguns amigos. Dos seus amigos, o que ficou mais tempo na prisão foi Leone, que teve a pena diminuída em dois anos pela anistia concedida no nascimento da princesa Maria Pia Savoia, primogênita de Umberto e Maria José.

Durante o tempo em que esteve preso em Civitavecchia, Leone correspondeu-se com Natalia. Saiu da prisão em 1936 e casou-se com ela.

Viveram em Turim onde Leone era titular da cadeira de Literatura Russa na Universidade. Depois teve que abandonar esse cargo, porque se recusou a prestar juramento de fidelidade ao fascismo. Voltou a trabalhar na Einaudi, que tinha crescido muito. Com o início da guerra é mandado em exílio para o Abruzzo.

No exílio tiveram muitas dificuldades, mas também foram muito felizes. Natalia sentia-se, agora, finalmente participante. A guerra era um drama de todos e ela fazia parte dela. O Abruzzo aparece em muitas de suas obras.

Em 1943 acaba o exílio. Leone vai para Roma. O país é dominado pelos alemães e Leone chama Natalia para junto dele. Ela chega a Roma com os três filhos (naquele ano no exílio nascera Alessandra). Leone está trabalhando em um jornal clandestino e vinte dias após a chegada de Natalia é preso. Ela nunca mais o vê. Este momento de dor encontramos retratado em muitas de suas obras:

“Arrivata a Roma, tirai il fiato e credetti che sarebbe cominciato per noi un tempo felice. Non avevo molti elementi per crederlo, ma lo credetti. Avevamo un alloggio nei dintorni di Piazza Bologna. Leone dirigeva un giornale clandestino ed era sempre fuori di casa. Lo arrestarono, venti giorni dopo il nostro arrivo; e non lo rividi mai piú”. (Lessico Familiare, p. 161)

“Mio marito morì a Roma nelle carceri di Regina Coeli, pochi mesi dopo che avevamo lasciato il paese. Davanti all’orrore della sua morte solitaria, davanti alle angosciose alternative che precedettero la sua morte, io mi chiedo se questo è accaduto a noi, a noi che compravamo gli aranci da Girò e andavamo a passeggio nella neve. Allora io avevo fede in un avvenire facile e lieto, ricco di desideri appagati, di esperienze e di comuni imprese. Ma era quello il tempo migliore della mia vita e solo adesso che m’è sfuggito per sempre, solo adesso lo so” (Le piccole virtù, p. 18–19)

A vida de Natalia parece dividida entre antes e depois do exílio. Volta a viver com os pais, juntamente com seus filhos. Trabalha na Einaudi e convive com Pavese, Calvino e Vittorini.

Sua obra é eminentemente reminescente. Ao lermos *Lessico Familiare* (1963), que é uma obra autobiográfica, encontramos todos os personagens que já conhecíamos de seu mundo ficcional.

O grande amigo que desaparece prematuramente em *Le piccole virtù* é Cesare Pavese; Azalea, de *La strada che va in città* é sua irmã Paola, e assim, podemos reconhecer cada uma das pessoas que tiveram papel relevante na sua obra criativa, entre os membros de sua família, os amigos mais chegados, que são citados em sua obra autobiográfica.

Dez anos após a publicação de *Lessico Familiare*, Natalia Ginzburg, com *Caro Michele*, volta ao romance, dessa vez em forma epistolar o que vem contrariar toda a força que ela sempre deixou transparecer nas suas crônicas dedicadas à família. Seria esse um romance de descrença nas instituições, de desolação, de reconhecimento do momento de solidão que o ser humano passa a viver, da queda dos ideais. Este mesmo tema aparece em seu último romance: *La città e la casa*. Entre estas duas obras ela escreve *La famiglia Manzoni*, onde novamente focaliza a vida familiar, só que dessa vez o centro não é sua família, mas a do autor de *I promessi sposi*, Alessandro Manzoni.

O que significou para Natalia escrever?

Ela responde em uma entrevista a Lidia Ravera: “*Un modo di stare dentro*

la realtà. La sola cosa che mi sembra di saper fare. Un modo di stare con gli altri. Se non scrivessi mi sentirei molto più sola."

A sua obra não é propositalmente partidária, mas é um reflexo da história da Itália. Ela perseguiu e só se satisfaz quando a história externa passou a ser parte integrante da sua vida interior. De um lado, estão as coisas, os comportamentos, os gestos; do outro, os olhos que as observam e as refletem em um jogo de espelhos fascinante e doloroso, cujas imagens são percorridas por ligeira ironia.

Com a morte de Cesare Pavese, que se suicidou em Turim em agosto de 1950, e a partida dos amigos Felice Balbo e sua mulher Lola para Roma, Natalia sentiu-se muito só. É bem verdade que no mesmo ano da morte de Pavese ela havia se casado novamente com Gabriele Baldini, professor de inglês, um homem simpaticíssimo. Tinham, porém, temperamentos opostos: ele alegre, extrovertido, apaixonado pela música e pela arte; ela introvertida, taciturna. Elaborava tudo mentalmente. Não seria a sua escritura recorrência do sentir-se eternamente exilada?

Suas principais obras foram:

- 1941 Mio marito
La strada che va in città
- 1947 È stato così
- 1952 Tutti i nostri ieri
- 1957 Valentino
- 1961 Le voci della sera
- 1962 Le piccole virtù
- 1963 Lessico Familiare
- 1964 Cinque romanzi brevi
- 1967 Ti ho sposato per allegria e altre commedie
- 1970 Mai devi domandarmi

TOSCHI, Maria do Rosário. *Exílios cotidianos*.

1973 Caro Michele

1983 La famiglia Manzoni

1984 La città e la casa

BIBLIOGRAFIA

CLEMENTELLI, Elena. *Invito alla lettura di Natalia Ginzburg*. Milano: Mursia, 1977.

MANACORDA, Giuliano. *Storia della letteratura italiana contemporanea (1940-1965)*. Roma: Editori Riuniti, 1974.

SAPEGNO, Natalino. *Compendio di storia della letteratura italiana*. Firenze: La Nuova Italia, 1989.

Abstract: The article intends to demonstrate by means of exile autobiography how Natalia Ginzburg deals with extreme sensitivity both with day by day routine facts and the dramatic felling of Second World War period. Choosing themes such as loneliness, death and love, the author arouses the vicissitude to wich all of us are submitted.

Keywords: Natalia Ginzburg, post-war Italian literature, anti-fascism, familiar relationship, exile